

Em 10 de outubro de 1934 foi julgado no Tribunal Militar Especial, acusado de, entre dezembro de 1933 e janeiro de 1934, «fazer parte do Comité Grevista Revolucionário de Setúbal, tendo efetuado várias reuniões nos arredores daquela cidade, preparatórias de um movimento revolucionário grevista contra o Governo constituído.» (*CADASTRO N.º 6981 DA PVDE*).

José dos Cabritos, alcunha deste libertário, após ter permanecido em diferentes calabouços, nomeadamente, no Aljube (setembro - dezembro de 1934), em Peniche (dezembro 1934 - junho 1935) e em Angra do Heroísmo (junho 1935 - outubro 1936), foi condenado a pagar uma multa de 6 mil escudos e a 3 anos de degredo. Em 17 de outubro de 1936 embarcou para a Colónia Penal do Tarrafal, onde permaneceu quase 4 anos, sendo libertado apenas em 15 de julho de 1940 (*REGISTO GERAL DE PRESOS*, livro n.º 2, Preso n.º 246). **[DF]**



FONTE: REGISTO GERAL DE PRESOS, LIVRO N.º 28, PRESO N.º 5508. ANTT - ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO, PIDE/DGS, SERVIÇOS CENTRAIS



José Manuel Alves dos Reis

(Setúbal, 17/02/1894-Tarrafal, 11/06/1943)

O setubalense que perdeu a vida no Tarrafal

Filho de José Francisco Alves dos Reis e de Maria da Conceição, casou com Adélia Augusta da Conceição Alves dos Reis e teve três filhos. Foi marceneiro durante vários anos antes de conseguir juntar uma pequena quantia para se tornar proprietário de uma taberna (café) na Estrada Nova (Montijo). Residia na antiga rua França Borges, na mesma localidade, quando foi preso em casa por ordem do administrador do concelho do Barreiro, em 13 de dezembro de 1936.

Da sua prisão, e respetivo interrogatório, resultou a detenção de António Augusto Russo, de Sebastião Salvador Rosinha e de José Ricardo do Vale, todos

acusados de serem comunistas e detentores ou distribuidores de bombas de choque. Apesar das discrepâncias no relato dos acontecimentos por parte destes presos políticos, o relatório da PVDE sublinha – além das conhecidas ligações destes homens a elementos envolvidos no 18 de janeiro de 1934 – que foram apreendidas oito bombas nas residências dos dois primeiros, depois de o terceiro as ter recebido de um indivíduo que escapou à polícia. Este material explosivo tinha como destinatário o estabelecimento comercial do setubalense, importante espaço de sociabilidade e de receção de imprensa clandestina (e. g. *A Batalha*). José Manuel Alves dos Reis assegurou que um seu funcionário é que recebeu a caixa que continha as bombas, em meados de 1934, e que rapidamente, sem propósito criminal, se quis desfazer destas, acabando por as distribuir às figuras mencionadas.

Este preso político sadino esteve detido no Aljube e em Peniche, entre dezembro de 1936 e junho de 1937, até ser deportado para o Tarrafal, em 12 de junho daquele último ano. Durante este período, a sua família passou grandes dificuldades económicas e sociais, principalmente por dois dos filhos se encontrarem doentes e a esposa não ter possibilidade de sustentar a família. Segundo o diário do deportado Manuel Francisco Rodrigues, os anos de trabalho forçado e o cárcere geraram sérios problemas de saúde ao setubalense, nomeadamente no estômago. A negligência e desprezo dos médicos foram uma constante em Cabo Verde, tendo estado oito meses na enfermaria sem auxílio clínico. (RODRIGUES, 1974: pp. 118-123). Sem culpa formada e sem nunca ter estado perante um juiz, permaneceu em Cabo Verde até à sua morte, vitimado por tuberculose. José Manuel Alves dos Reis representa, na história de Setúbal, um dos maiores exemplos da repressão e do lado mais negro do fascismo português (constituindo um eloquente desmentido das tentativas de branqueamento do mesmo). E é uma figura que permaneceu olvidada no limbo da nossa memória coletiva. **[DF]**